



## EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

[www.geograficas.cfh.ufsc.br](http://www.geograficas.cfh.ufsc.br) - [geograficas@cfh.ufsc.br](mailto:geograficas@cfh.ufsc.br)

### ENTREVISTA COM AS EDITORAS DA REVISTA GEOSUL Professoras Sandra Maria de Arruda Furtado e Maria Dolores Buss<sup>1</sup>.

**Expressões Geográficas: A Revista Geosul, em vinte e cinco anos de história e com cinquenta edições, têm entrevistas realizadas com profissionais de renome da Geografia e áreas afins, que tratam dos diversos contextos sociais, políticos, culturais e econômicos do país. Quais momentos podem ser lembrados como marcos da Geografia e que foram primordiais para o atual desenvolvimento da Revista?**

**Dolores** – São 25 anos de revista esse ano. Acho que o primeiro momento importante foi o surgimento em 1985, quando elaborado seu projeto. O programa de Pós-Graduação tinha recém sido criado e logo na seqüência dele, o professor Armén [Armén Mamigonian] pensou na importância que seria uma revista, para divulgar os conhecimentos gerados a partir do Programa, e assim, em 1986 circula o primeiro número da revista. Neste período a Geografia no Brasil estava saindo de um período de muita discussão, principalmente nas assembleias, com debates e embates sérios em que a Geografia estava tentando se estruturar para uma nova caminhada, uma nova perspectiva. Ela vinha da década de 70, com desavenças entre o pessoal que fazia a geografia quantitativa e aqueles que queriam discutir as bases epistemológicas da geografia; tinha também o pessoal mais ligado à prática. As primeiras entrevistas são recheadas de embates neste sentido, com entrevistados de distintas correntes. Assim, a Revista Geosul, com uma característica diferente das até então existentes, se propunha discutir essa polêmica, esse debate que estava acontecendo na Geografia nacional.

**Sandra** – Isso não foi só no primeiro momento. Continuou. Como a gente entrevista sempre pessoas que tem uma história dentro da Geografia, essas coisas se perpetuaram com o tempo. Então, não existe uma dicotomia, mas sim um pluralismo. Quer queira quer não, há um “ranço” ideológico nisso. Então, eu acho que as coisas são muito estanques, como se fossem diferentes gavetas para estudar o mesmo objeto. Mas na verdade, isso também existe em outras ciências, apesar de que na Geografia é muito presente, porque sempre vai haver uma divisão ideológica das pessoas e um “approach” de como estudar determinado objeto.

<sup>1</sup> Entrevista realizada em 16 de fevereiro de 2011, na Universidade Federal de Santa Catarina. Participaram da entrevista: Elisa Dassoler, Fabíula da Silva, Luis Felipe Cunha, Marcos Espíndola, Marco Virtuoso e Mariana Maragno Reinheimer. Responsáveis pela transcrição: Luis Felipe Cunha, Fabíula da Silva, Mariana Maragno Reinheimer e Rodrigo Born Jaeger.

**Expressões Geográficas: Nestes 25 anos, quais entrevistados e que momentos importantes podem ser lembrados por retratarem a Geografia do Brasil e as suas complexidades?**

**Sandra** – Assim como em qualquer área de atuação, o que se passa no Brasil se reflete também na academia. Embora tenha gente que ache que a ciência muitas vezes está distante do que se passa, na verdade não. As pessoas têm uma posição ideológica, e quando acham que faz parte da ciência mostrar essa posição, elas mostram. Outras, no entanto, não querem mostrar. Então, isto independe das divisões entre esquerda e direita. As aberturas que ocorreram no Brasil, também aconteceram na Associação Nacional de Geógrafos (AGB). Nessas aberturas políticas, o sectarismo que existia antes, foi muito abrandado nos anos subsequentes, até chegar às décadas de 80 e 90, quando chegam a convidar pessoas que, até então, eram alijadas do processo da AGB. Isso ocorre por se acreditar que elas tinham posicionamento mais a direita do que a Associação gostaria que elas tivessem, ou que fossem teoricamente imparciais, não tomando uma posição política, ou que achassem que a pesquisa era independente.

**Dolores** – Do ponto de vista do que acontecia no contexto da universidade, na seqüência do que Sandra estava colocando, acho que a maior parte das iniciativas foi tomada pelo grupo que tinha uma tendência mais de abertura, digamos mais “socializadora” das coisas. Penso que por isso também, nosso programa tem um componente que é ideológico e isto se reflete na Revista Geosul. No início era uma revista local, o que pode ser visto nos artigos dos seus primeiros números. No final da década de 90, já em 2000, ocorre uma mudança bastante significativa na Revista. Ela dá um salto de qualidade assim como mostra a geografia que está se fazendo em Santa Catarina. É importante ressaltar, que as mudanças mundiais se refletem no local. Há a discussão sobre o papel da técnica e da informação e uma pessoa-chave nesse momento é o professor Milton Santos, de reconhecimento internacional e muito freqüente no nosso departamento. Nosso programa passa a ser reconhecido, por conta de iniciativas de alguns professores daqui, em trazer pesquisadores como Milton Santos, Aziz Nacib Ab’Saber, Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, João José Bigarella e vários outros importantes nomes da Geografia. Isto fez com que ocorressem discussões filosóficas, conceituais e a revista reflete isso. Outro marco é o Encontro Nacional de Geógrafos realizado aqui em Florianópolis, em 2000, que teve quatro mil pessoas resultando em grandes debates, destacando o papel da Geografia de Santa Catarina. Podemos citar além dos professores citados, os nomes de Manoel Correia, Inácio Rangel, Armém Mamigonian, Roberto Lobato Corrêa, Orlando Valverde. Na verdade todos os entrevistados. Aí se ressalta a importância das entrevistas como marco da revista, porque elas permitem uma discussão do momento, do que está acontecendo em termos de Brasil, na Geografia daquele momento. Então, as entrevistas refletem esta realidade além de possibilitar o entendimento de um pouco da vida do entrevistado, sua trajetória acadêmica.

**Sandra:** Acho que citando nomes podemos esquecer alguém e vai ficar constrangedor. O que norteou a escolha de nomes para as entrevistas foi fazer o resgate histórico da Geografia, não centrando em um campo ideológico. Então, buscamos diferentes abordagens, representantes destas diferentes linhas. Isso causou certo constrangimento entre membros da comissão, mas optamos por esta pluralidade porque desde o início ela existiu e optamos por fazer entrevistas desta forma também, sem atribuir nenhum juízo de valor, pois a pluralidade existe e deve ser retratada.

**Dolores:** Na Revista Geosul, as diferentes formas de pensar tem que aparecer para proporcionar o debate e fazer desenvolver o conhecimento e a própria ciência. Em todos os números, com raras exceções, vamos ter artigos publicados nessa perspectiva. Inclusive cuidamos para que isso aconteça, para que existam contribuições tanto em diversas linhas da área humana e da área física.

**Sandra** – Eu gostaria de colocar outra coisa também. O nosso Departamento é diferente, de outros onde quase todo o corpo docente é formado por geógrafos. Não vamos dizer multidisciplinar, mas sempre teve outros profissionais, não só de geografia, como de áreas de conhecimento afins. Então, a filosofia que norteou a criação da Pós-Graduação foi baseada nisso também. Nossa Pós-Graduação, desde o início, se distingue das outras em geografia, tanto a de São Paulo capital quanto a de São Paulo Rio Claro, assim como a do Rio de Janeiro que são formadas basicamente por geógrafos. E aí não faço nenhum juízo de valor, bom ou ruim, mas é diferente. A Revista reflete isso porque sempre procurou contemplar essas diferentes visões em cima de um determinado objeto. Assim como foi a criação da Pós-Graduação, tanto a nível de mestrado quanto a de doutorado, aceitando diferentes alunos e diferentes professores com diferentes formações que atuam dentro da geografia.

**Expressões Geográficas: É possível ver isso na formação e estrutura da revista. Ao pesquisar, percebe-se, em um grande número delas, artigos relacionados a variadas vertentes de estudo e áreas de pesquisa. Em um mesmo número [da Revista], encontramos artigos sobre Sedimentologia, Geomorfologia Costeira, Geografia Econômica ou Geopolítica. Percebe-se o objetivo de se fazer um diálogo entre as distintas áreas de análises de um mesmo objeto. Então, justamente isso vem contemplar o que a senhora estava falando dessa multidisciplinaridade, desse diálogo de diversas áreas para formar um curso de Pós-Graduação. A partir disso, pergunta-se: como estão percebendo essa mudança de pré-requisitos de concursos para professores, que passam a exigir formação conjugada, ou seja, graduação e pós-graduação na mesma área. Como vocês percebem isso?**

**Dolores** – Historicamente dentro dos departamentos, se têm disputas em relação à contratação dos profissionais. Era o que a Sandra estava falando: o nosso Departamento se caracteriza porque tem profissionais de outras áreas. Nas discussões há embates entre professores que propõem uma maior abertura e aqueles mais classistas. Algumas vezes ganha um grupo, outras vezes o outro. Que eu conheço, é um dos poucos departamentos de Geografia que permite essa discussão e até a entrada desses profissionais. Aí vinha o “casamento”. Então, se a graduação não era em Geografia a pós-graduação tinha que ser. Mas isso é muito raro. É uma questão de corporativismo? Eu acho que é, porque eles argumentam inclusive, que é defesa do próprio profissional de Geografia.

**Expressões Geográficas: Todos os números da Geosul possuem entrevistas. Como vocês se organizaram para realizá-las e para solucionar algum eventual imprevisto? Como funciona esta parte prática e organizativa da revista?**

**Dolores:** Tudo isso que você falou e mais. Nos primeiros números, por conta das entrevistas perdemos a periodicidade da Revista. Isso ocorreu várias vezes, por não termos entrevistas, pela dificuldade em realizá-las ou transcrevê-las. Há também a

necessidade de mandar para o entrevistado para ele autorizar. Este é um processo que exige tempo e por vezes acabávamos atrasando a Revista. Outras vezes, tínhamos entrevistas guardadas. Um estoque de reserva. Mas isso ocorreu mais quando eu e Sandra, entre 1988 e 1990, percebemos que a entrevista era um entrave para a sua periodicidade.

**Sandra:** Nós aproveitávamos os Encontros que eram realizados aqui e em outros locais. Em alguns realizávamos três entrevistas. Escolhíamos entre estrangeiros e brasileiros, fazíamos as entrevistas e guardávamos. Por vezes analisávamos os artigos que seriam publicados em um dado número e escolhíamos uma entrevista que tivesse relação. Aconteceu também, que alguns entrevistados não autorizaram a publicação ou não houve retorno do material.

**Dolores:** Isto aconteceu recentemente e, nesse caso, não tínhamos outra entrevista pronta. Aí um professor de outra instituição tinha uma entrevista com dois geógrafos franceses e encaminhou para publicação.

**Expressões Geográficas:** **Então há essa prática de, quando necessário, publicar entrevistas de outras pessoas, sendo que a maior parte delas foram realizadas por vocês?**

**Dolores e Sandra:** Esta foi a única vez que isso aconteceu. Às vezes não realizamos diretamente a entrevista. Mas sempre há algum representante presente.

**Expressões Geográficas:** **Todas as entrevistas são presenciais?**

**Dolores:** Nem todas. A entrevista com o professor Bigarella, por exemplo, foi feita pelo correio. Temos umas duas ou três assim. Esta com o professor Bigarella foi realizada desta forma porque ele preferiu assim. Ele estava aqui conosco, conversamos com ele, combinamos a entrevista, mas ele disse que preferia que a gente fizesse as questões e enviasse para ele.

**Expressões Geográfica:** **Esse tipo de entrevista entra numa outra frequência, porque não possibilita isso que estamos tendo aqui, poder intervir, poder estar realizando uma conversa.**

**Dolores:** É como a Sandra colocou, recentemente tivemos um problema esperando uma entrevista que não chegou e é uma entrevista tratada e feita por e-mail. Então, nossa experiência não é positiva nesse sentido porque esse tipo de entrevista que estamos realizando aqui, permite uma troca maior e, tanto os entrevistadores quanto entrevistados, assumem maior compromisso com a mesma.

**Expressões Geográficas:** **Em que contexto surge a ideia de criar um veículo de comunicação para divulgar os estudos e pesquisas realizadas no Departamento de Geografia da UFSC, na década de 1980?**

**Dolores:** Era uma idéia mais ambiciosa.

**Sandra:** Antes o Departamento de Geociências era em outro prédio. Não existia nem sala de professores. Em um único prédio tinha cerca de dez Departamentos, e poucos

dispunham de sala própria, como a Geologia. Então, proporcionalmente, a Geologia naquela época tinha um maior nível de formação. Tinha gente indo para o doutorado, que era algo novo na época que entrei. Todos já tinham mestrado, e isso proporcionalmente era diferente. Então as pessoas não tinham sala, não tinham formação, muitas delas só tinham a graduação e isso dificultava a realização de pesquisas. Consequentemente era muito mais fácil um professor da Geologia fazer um projeto de pesquisa. Quando a gente se mudou para este prédio, a Geologia que não dava aulas só para a Geografia, mas dava para outros cursos também, tinha um número cada vez mais crescente de professores. Neste mesmo período, começam a tomar impulso no Brasil os cursos de Pós-Graduação em Geografia. Assim, quando se abriu o curso de mestrado do Departamento, a gente já tinha uma importante massa crítica na Geologia. O Scheibe [Luis Fernando Scheibe] já tinha o doutorado e eu e Gerusa [Gerusa Maria Duarte] estávamos para defender. Nesta época tínhamos uma política interna que facilitava a saída de professores de Geografia para fazer Pós-Graduação. Essa pluralidade fez com que se criasse um curso de mestrado que valorizasse a interdisciplinaridade e que se destacasse nesse sentido no quadro nacional. Então, a Revista foi criada neste contexto.

**Dolores:** Essa dinâmica toda mostrava claramente a necessidade de um veículo para divulgar os resultados de pesquisa. Era um projeto ambicioso também, porque não queria somente divulgar os resultados da pesquisa interna, mas até representar ou ser um veículo da Região Sul do Brasil. Os recursos para a publicação da Revista vinham das assinaturas e alguns financiamentos. Mas a maior parte vinha mesmo das assinaturas. A Editora da Universidade já começava a se projetar e tinha espaço para a publicação da Revista. No início a Revista praticamente se financiava pelas assinaturas, e tinha professores que se empenhavam muito nisto. Aqueles que estavam saindo para o Doutorado sempre carregavam um monte de revistas em baixo do braço, assim como para Congressos. Chegamos a ter cerca de quatrocentas assinaturas.

**Sandra:** Recentemente, essa política da Universidade mudou e começamos a contar mais especificamente, com a colaboração financeira da Pós-Graduação e em parte do Departamento, mas principalmente da Pós-Graduação. É caro fazer uma revista em papel, é bastante caro. Hoje em dia as assinaturas não representam um fator decisivo em termos financeiros pra revista. Por outro lado, os órgãos de fomento nacionais impulsionaram para que a passássemos para o modo *on-line*.

**Expressões Geográficas: Então a Revista contava muito com o trabalho voluntário dos professores. Havia alguma contribuição pela participação na Revista? Havia técnicos vinculados à Revista? Como era esta parte organizativa?**

**Dolores:** Na verdade a comissão editorial logo se desmembrou porque o Armén foi para USP (Universidade de São Paulo), e entraram novas pessoas na comissão. Nunca ninguém recebeu nada, pelo contrário. A gente até colocava dinheiro para viabilizar o deslocamento para fazer entrevistas com algumas pessoas. No início, ela era datilografada, e aí tinha que pagar. Muitas vezes não se tinha dinheiro, outras vezes sim, mas quando não, não parávamos a Revista. Sempre se dava um jeito, ou vendíamos revistas ou tirávamos da gente mesmo. Depois a comissão se reestruturou. Foi quando a Sandra entrou oficialmente na comissão editorial e se criou o conselho científico da Revista, que antes nós não tínhamos. A Geosul melhorou no seu ponto de vista científico. Mas, de um jeito ou de outro, acho que temos que fazer uma autocrítica.

Quando a gente cria desde o começo é difícil largar. Eu nunca disse que: não quero mais a Revista. Nunca também ninguém chegou pra mim e disse: agora chega de Dolores na Revista. Então por isso permaneci e isso significa do ponto de vista da funcionalidade da Revista, que eu e Sandra tomamos muitas decisões. E colocamos isso também para o Ewerton [Ewerton Vieira Machado] da comissão editorial.

**Sandra:** Claro que tem a hora de trabalho. No plano de trabalho do professor está marcado cerca de cinco horas por semana. Mais isso é muito pouco. A Revista às vezes dá muito trabalho, e tem períodos que dá menos. Tem semanas que chega a vinte horas. Quanto ao trabalho, temos um modo de trabalhar que é o seguinte: trabalhamos em pesquisa, somos amigas e nos damos bem trabalhando juntas. Lemos os artigos antes, para ver para qual parecerista se encaminha. Tem artigos que a qualidade deixa muito a desejar e não são nem encaminhados.

**Dolores:** Os professores hoje têm tanto o que fazer dentro das suas atividades. Então fazemos esse crivo antes. Encaminha-se aqueles que têm determinado nível e que é de interesse para a Geosul publicar. Somos bem criteriosos naquilo que publicamos.

**Sandra:** Uma questão que devemos falar que é uma política da Revista, é que além de contemplar diferentes abordagens, contemplamos também diferentes autores e diferentes instituições. Acontece que tem pessoas que mandam um artigo por semestre, ou sozinho ou com co-autor. Então também temos que cuidar. Não pode ter em todos os números, ou em um número sim um número não, os mesmos autores. Aí se faz esse controle. Ao mesmo tempo procura-se publicar pesquisas dos pesquisadores do departamento.

**Dolores:** Temos que cuidar, porque essa questão do produtivismo dentro da Universidade, faz com que uma pesquisa gere um monte de “filhotes” com o título diferente.

**Sandra:** Levemente diferente.

**Expressões Geográficas: Frente a necessidade de apresentar resultados para as instituições de pesquisa faz-se uma questão: Como a Geosul se posiciona diante dessas exigências de produtividade e consequente qualidade dos trabalhos?**

**Dolores:** O Brasil precisa investir em pesquisa, em pesquisa séria. As Universidades públicas, sem sombra de dúvida, são as que mais fazem pesquisas. Uma das maneiras para socializar essas pesquisas é via publicação. Eu questiono muito essa política de valorização da quantidade de pesquisas ou de publicações e não da qualidade. Enquanto parte da comissão editorial de uma revista, nós assumimos que a nossa revista também tem que ter qualidade, e por isso a gente publica com critérios. O que está acontecendo não é de agora. Acho que está mais forte e é muito sério porque estimula o individualismo, pessoas competindo o tempo todo umas com as outras. Penso que isso não faz bem para a pesquisa, porque a troca vai ampliar, vai melhorar as possibilidades de avançar essa pesquisa.

**Sandra:** Acho que a gente também tem que ver, por exemplo, a história da pesquisa no Brasil. Existe um vício que infelizmente ainda se perpetua. Muitas pessoas dão oito horas de aula por semana, e isso se multiplica por duas horas e meia que é a preparação,

então dá vinte. As outras vinte horas teriam que ser gastas em pesquisa, já que reunião de departamento, atendimento ao aluno, isso tudo está incluído na multiplicação das duas horas e meia. Vinte horas de pesquisa dá para fazer uma pesquisa e consequentemente dá para publicar um artigo extraído dessa pesquisa. Não estou dizendo que necessariamente em um prazo de seis meses, um ano, mas dá para publicar. Tem gente que em todo o seu Currículo Vitae apresenta somente um, dois, três trabalhos publicados e é professor, doutor. Então a gente sempre tem que olhar vários lados de uma determinada coisa para poder analisar, senão a gente fica sectário. Outra coisa que existe é que, as universidades brasileiras, a partir do programa MEC - USAID têm uma forte influência americana, e nessa influência o produtivismo é muito inerente ao capitalismo americano. É um pouco diferente das universidades européias. Então, se instituiu no Brasil algo que é o modelo americano. O professor é forçado a publicar. E quando a pessoa não está acostumada a escrever, a pesquisa pode até ser boa, mas o fato de não saber dizer, é complicado. Então muitas vezes se recusa um trabalho por isso. Existem várias facetas disso para se analisar, não é uma coisa tão simples. O Brasil tem uma taxa muito baixa de publicação, e se quer melhorar, tem que publicar, tem que forçar a publicar, porque só aprendemos alguma coisa fazendo. Se a gente faz um retrospecto dos nossos trabalhos publicados, pegando o primeiro e um dos últimos, existe uma diferença, porque se aprendeu com o decorrer do tempo. Como a gente aprende a dar aula, como a gente aprende um monte de coisas. Alguns têm qualidades que facilitam. Mas de qualquer maneira a gente aprende. Uns mais facilmente e outros com mais dificuldade. O exercício é fundamental e, por isso, concordo que um trabalho o aluno de mestrado tem que se esforçar para publicar. Sou contrária à política de doutoramento em capítulos prontos para publicar. Um trabalho de tese é um trabalho que, quer queira quer não, é formal, pode-se dizer até antiquada a estruturação, mas é o que constitui um trabalho de tese em qualquer lugar do mundo. A estrutura é semelhante a livro, ela não é semelhante a artigo. O capítulo não tem começo, meio e fim. É um capítulo que se insere dentro de um todo. Então eu sou contrária a isso. Isso, para mim, é o funcionalismo ao extremo. Agora, vincular a defesa com a publicação de um trabalho, com a participação do orientador, eu acho correto porque é um dos passos da pesquisa. Vocês estão aqui como mestrandos e doutorandos, e estão aqui para aprender a fazer pesquisa. Sou contrária a esses cursos à distância, porque a participação dentro de uma universidade é fundamental: a troca de experiências, a presença de uma biblioteca forte, a leitura de artigos. Chega-se ao cúmulo de vermos Tese de doutorado em que não há referências de pesquisas aqui desenvolvidas.

**Expressões Geográficas: Percebe-se também outra faceta dessa questão sobre o fomento à pesquisa. Cita-se como exemplo, o que a professora já colocou antes sobre pesquisadores que publicam o mesmo trabalho várias vezes com um nome diferente e um trecho da pesquisa reescrito. Por quê? Porque quanto maior for o número de publicações, maior a probabilidade de se conseguir uma bolsa para uma pesquisa ou financiamento. Assim, a crítica a respeito dessa iniciativa de produção e de publicação é: de que forma as instituições podem fazer uma avaliação diferenciada dessa produção? Será que existe uma maneira de filtrar essa produção para não somente financiar um pesquisador porque ele tem várias produções e publicações num ano, mas sim financiá-lo porque ele tem uma publicação de qualidade, ou porque ele trabalhou com objeto tal que é importante para discussões atuais e importante ao desenvolvimento da ciência?**

**Sandra:** Penso o seguinte: quando a gente envia um projeto de pesquisa para uma agência de fomento, sempre vai ter um parecerista. Assim, se uma pessoa tem essa prática de fazer pesquisa pela quantidade e não pela qualidade, isso é uma questão de valores que se repercute, especialmente agora que as revistas estão, via de regra, on-line. Essas pessoas ficam conhecidas. E quem faz o parecer para o CNPQ, para a CAPES, não é qualquer um, é um representante da categoria, uma pessoa que tem um nome a zelar. Esta pessoa foi escolhida, por um programa de Pós-Graduação ou Departamento, isso significa que é uma pessoa confiável, que possa te representar, assim como é escolhido um deputado e etc. Claro que, são feitas críticas, mas é uma escolha com critérios.

**Expressões Geográficas:** Mas essa questão já vem de algum tempo. Lendo a entrevista com o Milton Santos na Geosul observou-se que ele já falava sobre isso, das “produções gastro-intestinais”, que talvez possam ser reflexo de exigências de produção.

**Dolores:** É, porque o tempo para a ciência é diferente do tempo da máquina, então as coisas levam mais tempo para ser digeridas, discutidas, debatidas, para serem estabelecidos novos parâmetros. Em alguns ramos da ciência mais do que outros. As humanas são exemplo disso. Por isso que penso que o sistema pode se aprimorar, vamos fazer diferentes avaliações. Não vamos avaliar todos os ramos da ciência da mesma maneira. As experimentais como as mecânicas, técnicas tendem a ter conclusões mais rápidas.

**Expressões Geográficas:** Fazendo um gancho com o que a professora falou: pesquisas produzidas por discentes normalmente se fazem individualmente, mas pesquisas mais amplas são normalmente vinculadas a um grupo de pesquisa. Nas áreas das ciências tecnológicas, por exemplo, é muito comum conseguirem financiamento de pesquisa porque se articulam em grupos. Como vocês vêm essa questão dos grupos de pesquisa dentro da Geografia?

**Dolores:** A pesquisa no mestrado e no doutorado é basicamente individual. Quando se está dentro da instituição, tem os que podem se garantir sozinhos. Temos uma história dentro do departamento de um grupo de pesquisa muito bom, muito saudável em todos os sentidos. A partir do Laboratório de Análise Ambiental, um grupo se juntou e a gente fez muita pesquisa, produziu muitas coisas, publicou muito, teve sempre um bom relacionamento, sempre socializou. Tivemos uma excelente parceria, culminando no ano passado, com a publicação do Atlas da Bacia do Araranguá, que é do laboratório e é fruto de mais de dez anos de pesquisa. E também foram produzidas, a partir do laboratório, várias dissertações e teses. Por isso, o pesquisador pode produzir sozinho, mas é muito melhor quando ele está dentro de um grupo, fazendo parte da mesma linha de pesquisa. A nossa experiência de grupo foi boa.

**Sandra** - Claro, como tudo tem seus prós e contras, mas funcionou bem. Tem coisas que a gente foi agregando. Por exemplo: se se queria estudar um determinado objeto, então, para facilitar aquele entendimento íamos buscar pessoas de outras áreas e com outras visões para entender melhor o problema. Então às vezes funciona melhor, outras pior. Mas isso é inerente ao processo.



**Expressões Geográficas:** Manter uma revista com o propósito de construir um veículo de difusão de conhecimento e espaço de encontro e debates entre pesquisadores e amigos é um exercício de cooperação, solidariedade e respeito que necessita muito tempo. Como a comissão editorial responsável por pensar e organizar a revista encontrou formas de se organizar e dar continuidade a sua articulação de produção durante a sua história?

**Dolores:** Não temos toda essa organização. Na verdade a Revista Geosul tem uma sala, e duas pessoas que tem a cara da revista, que é a Dolores e a Sandra. Pedimos sugestões a outros professores quando nos deparamos com problemas, mas são essas duas pessoas que “se dão”, e estão a bastante tempo no departamento, que já estão aposentadas, mas continuam o trabalho, conhecendo todos os outros professores da casa e muitos de fora também, que dão esta identidade a revista. Por isso que a Geosul até agora tem um modo de existir que é meio nosso, meio diferente, que não é tão burocrático, não é sistematizado demais. O número cinquenta foi até onde nos propusemos a trazê-la. Depois disso pensamos que tem que mudar; que ela tem que dar um salto de qualidade com a criação de uma comissão editorial que esteja atuante hoje nos programas de Pós-Graduação, tanto aqui quanto fora. Desta forma pensamos que a revista pode “voar” a nível internacional, visto que ela já tem porte necessário para isso, só precisando quem sabe, um pouco mais de investimentos. Acho que ela precisa funcionar com reuniões sistemáticas da comissão editorial, com editais para recebimento e seleção de artigos, como outras revistas de ponta estão atuando hoje. É por isso que fizemos este esforço de bancar a revista toda dentro do portal da UFSC onde está disponível desde a primeira edição.

**Sandra** - O que vocês da revista discente Expressões Geográficas estão vivenciando nós de certa forma já passamos. Por isso que pensamos que ninguém deve ser eterno em uma comissão. Eu mesma já queria ter saído antes, entretanto a Dolores me convenceu a ficar até o número cinquenta. É preciso muito trabalho para levar uma revista.

**Dolores:** Realmente eu pedi mesmo. Nós duas combinamos bem para trabalhar, nossas idéias se fecham rápido, ganhamos tempo com isso. Acho que são tantos anos que trabalhamos juntas que às vezes falamos juntas as mesmas coisas. Então eu convenci a Sandra a fecharmos cinquenta edições que significam vinte e cinco anos da revista. Acho que a Geosul terá que dar uma “guinada”.

**Expressões Geográficas:** Quais os caminhos da Geosul a partir desta nova etapa de desenvolvimento, onde ela passa de uma plataforma impressa para uma plataforma digital? Com cinquenta edições, vinte e cinco anos de história e com tantos projetos de mudanças, o que esperar?

**Dolores:** Já é de conhecimento de todos que ficamos somente até a edição de número cinquenta e que o programa precisa se organizar e pensar em uma nova comissão, novos membros e em um projeto para como essa revista irá continuar. Nós estamos entregando a revista toda on-line e é necessário agora, colocar mais pessoas na comissão editorial, mexer no conselho científico da revista também, ampliar. Penso que o momento que o programa vive hoje, a valorização dele, seu reconhecimento, o que ele representa no contexto dos programas de Pós-Graduação no Brasil possibilita isso. Essa nova etapa deve buscar obter nível internacional, ampliando horizontes, fazendo um banco de

pareceristas e contatos com profissionais de outras instituições, inclusive internacionais. O programa tem capacidade para isso. Existem vários convênios com outros países e professores. O que não pode acontecer é continuar como está. Agora é o momento para ela dar um salto. E acredito que isso vai acontecer, devido ao orgulho que existe por parte dos professores e alunos para com a revista. A Geosul é a segunda revista mais antiga que ainda está circulando na Geografia e que possui periodicidade mantida, sem números faltando.

**Expressões Geográficas: Mas vocês vão continuar de alguma forma?**

**Dolores:** Se for preciso podemos auxiliar, porém oficialmente achamos que não. Todo conhecimento que possuo em relação à revista quero compartilhar, para que a Revista continue, mas não responsável pela administração, respondendo e-mails, entrando em contato com pareceristas e autores, alimentando o portal.

**Expressões Geográficas: Para finalizar: já que até agora falou-se especialmente da Revista Geosul, e tendo em vista que vocês são amigas, que conhecem bem uma à outra: Sandra quem é a Dolores? Dolores quem é a Sandra?**

**Sandra:** Existem professores que dizem que tanto eu quanto ela temos uma dificuldade muito grande para falar sobre assuntos pessoais. Nessa característica também somos parecidas. Lembro-me do segundo grau de um teste de psicologia onde classificavam as pessoas em três palavras-chave. Portanto, fazendo uma classificação profissional acho que a Dolores é uma pessoa extremamente ativa, extremamente dedicada e que procura fazer as coisas tentando acertar. São características que a delineiam profissionalmente, que eu admiro. Por isso que gosto de trabalhar ao lado dela.

**Dolores:** Pegando essa classificação acho que a Sandra é mais que ativa ela é super ativa, em tudo. Eu conheci a Sandra pelo nome, entretanto não fazia idéia de quem era. Parecia que a esperava. A primeira vez que nos encontramos e fomos apresentadas, já viramos amigas e colegas de trabalho. Eu me refiro a Sandra como super ativa. Acho que às vezes sou meio devagar e indecisa e por isso é muito bom trabalharmos juntas. O que é muito interessante é que temos uma grande relação de amizade também.

**Expressões Geográficas: Muito obrigada professoras por essa entrevista.**

**Sandra e Dolores:** Nós é que agradecemos por tudo. Muito obrigada.